



O TUIUTI

INFORMATIVO

*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

510 anos da descoberta da Ilha de São Francisco e do Rio da Prata por Juan Dias de Solis. 490 anos do início do 2º Ciclo econômico no Brasil, o do Açúcar. 480 anos da fundação de Santos, por Brás Cubas. 460 anos da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro. 410 anos da expulsão dos franceses do MA pelos luso-brasileiros. 400 anos da chegada a Salvador da esquadra de Dom Fadrique de Toledo Osório (Jornada dos Vassalos) e expulsão dos holandeses. 390 anos da perda do Arraial do Bom Jesus para os holandeses. Prisão de Domingos Fernandes Calabar e execução pelo Conselho de Guerra em Porto Calvo, acusado de alta traição em favor dos holandeses. 380 anos do início da Insurreição Pernambucana contra os holandeses e do Compromisso Imortal. Elevação do Brasil a Principado. 330 anos do início do Ciclo do Ouro. Morte de Zumbi dos Palmares. Destruição do quilombo de Palmares. 310 anos do II Tratado de Utrecht e devolução da Colônia do Sacramento a Portugal. 290 anos da Guerra Luso-Espanhola (até 1737) e da assunção do governo do Rio de Janeiro pelo Brigadeiro José da Silva Pais. 270 anos da criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão e criação da Capitania do Rio Negro. 260 anos do início da Derrama em Minas Gerais. 210 anos da elevação do Brasil à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves. 200 anos do reconhecimento da independência do Brasil por Portugal. Início da Guerra da Cisplatina. Nascimento de Dom Pedro II. 190 anos do início da Revolução Farroupilha. 180 anos do fim da Guerra dos Farrapos. 160 anos da Tomada de Corumbá pelo Paraguai. Declaração de guerra do Paraguai à Argentina e invasão de Corrientes. Tratado da Tríplice Aliança. Fim da Questão Christie. 150 anos do Regulamento Disciplinar do Exército. 130 anos do fim da Revolta Federalista no RS. 90 anos da Lei de Segurança Nacional e da vitória contra a Intentona Comunista. 80 anos das grandes conquistas da FEB na Itália e fim da 2ª GM. 70 anos da crise institucional de 1955. 60 anos do AI2. 30 anos da UNAVEM.

2025

Junho

Nº 482

FIDÊNCIO LEMOS DO PRADO E OS VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

Luiz Ernani Caminha Giorgis(*)

(Texto compilado e publicado atendendo indicação do General de Exército Rui Monarca da Silveira e do Coronel Fernando Luiz Menna Barreto)

“Se a Constituição o impedia de marchar como Chefe da Nação, não o impedia o Conselho de abdicar, e seguir como simples Voluntário da Pátria”.

(Dom Pedro II, ao criar os Voluntários da Pátria e se apresentar como o 1º VP para a Guerra do Paraguai)



Imagem do decreto imperial, tendo ao lado um VP

(fonte: <https://studhistoria.com.br/qq-isso/voluntarios-da-patria-ver-zuavos-baianos/>, acesso em 17/06/2025)

Em 7 de janeiro de 1865, diante da grave situação bélica entre o Império do Brasil e o Paraguai, Dom Pedro II decretou a criação dos Corpos de Voluntários da Pátria. O 1º CPV foi organizado na Corte, RJ, nos moldes dos Batalhões de Caçadores. Seu Comandante foi o Tenente-Coronel João Manoel Menna Barreto, mais tarde General, morto em combate em Peribebuí e hoje Patrono do 2º RCMec, sediado em São Borja.

O 1º CVP embarcou para o TO no Prata em 05 de março daquele mesmo ano com um efetivo de 743 homens. Desembarcou em Porto Alegre e seguiu para Santo Amaro e, em seguida, para São Borja, onde participou da luta contra os paraguaios do Tenente-Coronel Antonio de La Cruz Estigarribia¹, que haviam invadido o RS passando por Santo Thomé.

(continua)

¹ BENTO, FIGUEIREDO, 2001, p. 31.



Conforme o blog: https://odiarioimperial.blogspot.com/2017/08/voluntarios-da-patria_31.html):

“A estratégia (da criação dos CVP) deu certo, pois, ao todo, o contingente de “Voluntários da Pátria” foi de 37.928 soldados, que somados aos 12 mil já alistados fizeram do Exército Imperial o maior da Tríplice Aliança”.

Os Voluntários da Pátria formaram 51 batalhões que lutaram bravamente em cinco anos de conflito no território paraguaio. Ao fim do conflito somente 14 batalhões dos 51 originais restaram, retornando como heróis da pátria e desfilando em marcha triunfal pela capital do Império.

A saga do herói

No dia 21 de janeiro de 1865, um jovem curitibano de apenas 21 anos se apresenta como voluntário para lutar na Guerra do Paraguai.

Filho de João Lemes do Prado e Rosa Bandeira, chamava-se Fidêncio Lemos do

Prado (acima)².

Filho do sul do Império, foi incorporado ao 27º Corpo de Voluntários da Pátria³, na 4ª Companhia, já na patente de alferes — equivalente ao atual subtenente. A bravura com que Fidêncio atravessaria os campos de batalha marcaria sua trajetória e o transformaria em personagem de uma das passagens mais simbólicas da guerra: o resgate da Bandeira Imperial brasileira, usada como tapete por Solano López, o ditador paraguaio.

Conforme o mesmo jornal, ao longo do conflito, Fidêncio esteve em diversas batalhas. Na sangrenta Batalha de Tuiuti, foi ferido gravemente na cabeça por golpes de facão. Dado como morto, sobreviveu após 24 dias internado em um hospital de campanha. Voltaria ao front e sofreria mais três ferimentos em combate, dos quais também se recuperaria.

Mas é em um momento pós-batalha que seu nome ecoa com força singular na história. Com o avanço do Exército Brasileiro e a fuga de Solano Lopez, Fidêncio e alguns companheiros adentram o palácio abandonado do ditador em Assunção no Paraguai.

No gabinete presidencial, o brasileiro encontra um símbolo profanado: a Bandeira do Império do Brasil, capturada do navio Marquês de Olinda, sendo usada como tapete. Em ato solene, Fidêncio dobra a bandeira, guarda-a em sua mochila e a leva consigo, devolvendo dignidade ao símbolo nacional.

² Folha de Irati, PR, edição de 03/05/2024.

³ Organizado em Uberaba, MG, mas foi dissolvido e seu efetivo redistribuído entre outros CVP. Mais tarde, em dezembro de 1866, já existia um outro 27º, pertencente à 3ª Brigada. Era comandado pelo Major Francisco de Lima e Silva.



“Fidêncio foi até a sala de Solano López e viu a Bandeira do Império brasileiro sendo usada como tapete pelo próprio Solano López. Então ele pega a Bandeira e guarda na sua mochila”, relata a historiadora Cleusi T. Bobato Stadler.

Durante décadas, Fidêncio reverenciou esse emblema. Todos os anos, no dia 25 de janeiro — data da conquista de Assunção pelas forças aliadas — ele comparecia ao Museu Nacional para prestar homenagens à bandeira. No dia 7 de setembro, cantava o hino, erguia o estandarte e realizava ritos de honra à pátria. No Centenário da Independência, em 1922, foi convidado a levar pessoalmente a bandeira ao Museu Imperial, no Rio de Janeiro.

Ao fim da guerra, Fidêncio recebeu honrarias dos três países envolvidos na Tríplice Aliança: Medalha de Bronze do Brasil, Medalha de Prata da Argentina e Medalha de Ferro do Uruguai.

Depois do conflito, radicou-se em Imbituva, na localidade de São Miguel, onde se casou com Mariana Gaspar, descendente de uma família de origem indígena.

Diversos relatos

Ele se apaixonou pela minha bisavó durante uma de suas passagens por aqui. Voltou outras vezes até que os dois se casaram”, conta Silvana Prado, bisneta do Major.

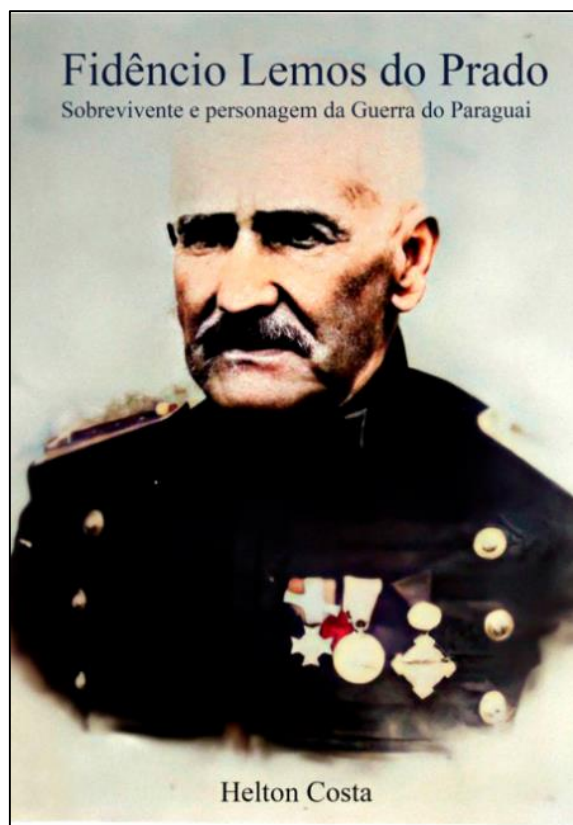
A memória de Fidêncio se perpetuaria também por meio de seus descendentes. Seu filho, João Lemos do Prado, tornou-se agrimensor e atuou na região de Campo Mourão na década de 1930, prestando serviços ao governo do Estado do Paraná. Já sua neta, Leony Prado Andrade, educadora respeitada, dirigiu o Colégio Estadual Marechal Rondon por mais de três décadas consecutivas. Casada com o médico Manoel Andrade, Leony tornou-se uma referência na educação local e, prestes a completar 100 anos, é hoje cidadã honorária de Campo Mourão — a primeira mulher a receber tal honraria no município.

Fidêncio faleceu em 24 de agosto de 1927, aos 83 anos. Foi sepultado no cemitério da comunidade de São Miguel, próximo à localidade de Apiaba⁴. Em 1989, Curitiba prestou-lhe homenagem póstuma com a inauguração de uma praça que leva seu nome — um reconhecimento tardio, mas justo, àquele que arriscou a vida pela nação.

Agora, quase um século após sua morte, a história de Fidêncio ganha novo fôlego. No próximo dia 27 de junho, será lançado em Ponta Grossa o livro *Fidêncio Lemos do Prado*, escrito por Helton Costa, com prefácio de Rodrigo Barbur Carneiro, tataraneto do major. A obra reúne documentos inéditos, fotografias, relatos de descendentes e novos dados sobre sua atuação militar e sobre os objetos históricos ligados a ele — a bandeira resgatada, o uniforme, seus registros e retratos.

⁴ Apiaba é um distrito do município de Imbituva, no estado do Paraná.

“Essa história ficou escondida durante muitos anos. É um morador da nossa cidade, alguém que se destacou na história nacional. Eu precisava contar essa história”, conclui a historiadora Cleusi Stadler.



Assim, ressurgem das sombras da memória um homem cuja coragem não foi apenas a de empunhar armas, mas também a de honrar símbolos — um gesto silencioso, porém carregado de sentido, em meio a uma das guerras mais devastadoras da América do Sul.

Ao lado, capa do livro de COSTA, Helton. [...] Curitiba: Matilda Produções, 2024.

Conforme Stephany Brandalise:

Em meio às páginas da história local de Imbituva, um nome se destaca como símbolo de bravura e devoção: Major Fidêncio Lemos do Prado. Sua história, marcada pela participação na Guerra do Paraguai e por sua residência na região até seu falecimento, é um testemunho de coragem e serviço à comunidade. Neste relato, exploramos os feitos e legado desse notável personagem, cuja vida ecoa como um tributo à bravura e ao compromisso com a pátria. Após todas as batalhas da guerra do Paraguai, Solano Lopes, ex-presidente e ditador do Paraguai, se esconde nas montanhas, fugindo do

exército brasileiro. Foi então que Fidêncio e alguns amigos dirigiram-se ao interior de seu palácio, que estava abandonado para ver o que encontravam. Fidêncio seguiu em direção ao último andar e entrou em um gabinete, que era o escritório do governante paraguaio, ali encontrou a bandeira brasileira que fora retirada de um navio que tinha sido aprisionado pelos paraguaios. Fidêncio foi até a sala de Solano Lopes e viu a Bandeira do Império brasileiro sendo usada como tapete pelo próprio Solano Lopes. Então ele pega a Bandeira e a guarda na sua mochila.

Após o final da guerra, Fidêncio veio residir em Imbituva, na localidade de São Miguel, casando-se com Dona Mariana Gaspar, com quem deixou inúmeros descendentes. Conforme explica Silvana Prado, bisneta do Major:

“Aqui morava Joaquim Gaspar, meu tataravô, e ele casou com a minha tataravó, que era uma índia. E eles tinham muitos filhos, uma delas era a minha bisavó, por quem Fidêncio se apaixonou em uma das suas passagens pela cidade. Então ele resolveu vir mais vezes e acabou que eles casaram”.

Ainda conforme Silvana Prado:

“Sempre escutei meu pai falando sobre essa história, e é uma história de vida, de luta e heroísmo muito grande. Sempre teve muito amor envolvido nisso. Hoje em dia as pessoas não têm mais esse amor, esse cuidado com nosso país. E ele foi um corajoso guerreiro, um homem de muita fibra, de muita garra, tenho muito orgulho”. Meu medo é que quando a minha geração passar, talvez essa história se perca, pois é uma história pouco conhecida. Eu acho que a história dele é mais divulgada e conhecida em outros lugares. É uma história bem bonita e se a gente não preservar, vai se perder. Não foi uma novela, não foi um filme, foi real”.

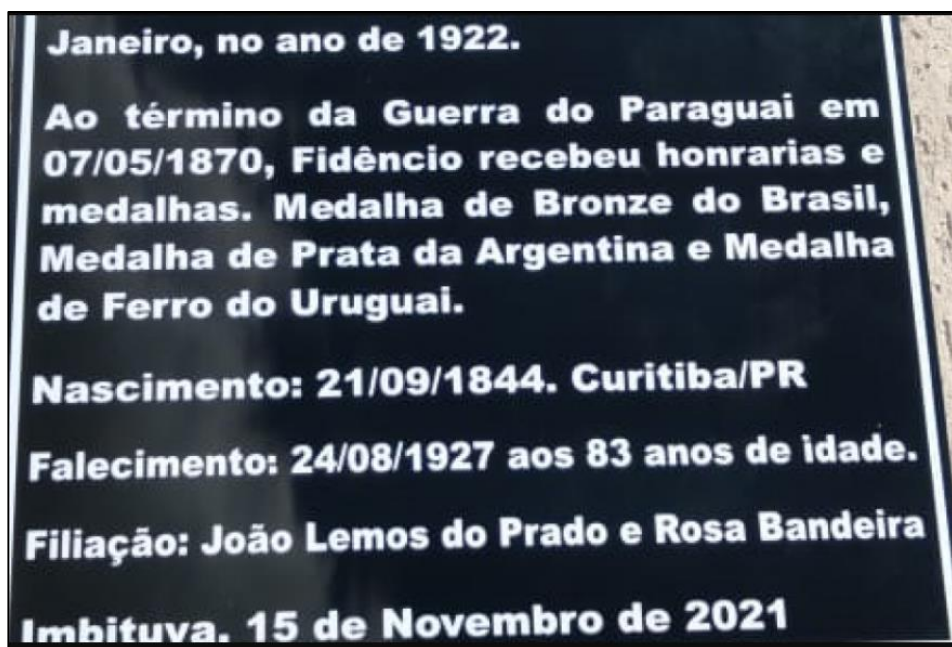
Na Maçonaria

O Major Fidêncio foi iniciado na Loja Maçônica Estrela do Imbituva em 22 de maio de 1912, tendo em várias oportunidades recebido elogios e citações em atas por seu caráter, comportamento exemplar e dedicação à causa maçônica e à comunidade imbituvense.

A Loja criou a “Comenda Fidêncio Lemos do Prado” para concedê-la a personalidades e entidades de natureza filantrópica e beneficente, de assistência social e comunitária de Imbituva, que eram reconhecidas pelas suas ações de cidadania e participação ativa na sociedade e na constante luta pelo desenvolvimento, inclusão e promoção social.

“Ele sempre foi um valoroso irmão e sempre colaborou com tudo, inclusive com a reforma. É uma honra ter a espada dele aqui, como uma homenagem por tudo que ele já fez. Muitos não conhecem a história dele, mas é algo que precisa ser resgato e fortalecido”, comenta Otoniel Scheidt, diretor da loja Maçônica Estrela de Imbituva.

Após seu falecimento, a família doou à Loja sua espada de oficial, mantida até hoje como uma lembrança do exemplar e heroico irmão.



Ao lado, imagem da placa inaugurada na praça de Imbituva em homenagem ao VP Fidêncio.

Conforme o maçom Hamilton F. Sampaio Junior, da Loja Rastro Ancestral (em texto corrido):

Começo essa História falando sobre o Museu Histórico do Rio de Janeiro que foi criado pelo Presidente Epitácio Pessoa, em 1922 e em 1923 já se enri-

quecia ao ponto de chamar a atenção de pessoas cultas e que são amantes da História, certo dia entrou no Gabinete do Diretor do Museu um velinho, magro e esguio, modestamente vestido com um embrulho embaixo do braço. Cumprimentou-o e sentou-se numa cadeira ao lado da mesa e disse-lhe:

Sr Diretor, sou o tenente Fidêncio Lemes do Prado, veterano da Guerra do Paraguai. Entrei em Assunção com meu batalhão, quando o Sr Marquês (Ele continuava a chamar assim ao Duque de Caxias, como se ainda estivesse no tempo da guerra) a ocupou. Fui designado para dar guarda ao Palácio do Ditador Solano Lopez, e ali encontrei no seu gabinete servindo de tapete, uma bandeira imperial que me disseram ser do Vapor “Marques de Olinda”. Apanhei-a e limpei-a e guardei ela, trazendo ela para o Brasil, quando terminou a Luta. Desde então, conservo comigo essa relíquia, estou velho, porém à espera da morte mais dia menos dia. Não tenho ninguém a confiá-la. Sabendo da criação do Museu Histórico, julgo ao mesmo posso doar esse precioso troféu, certo

de ser conservado com carinho. Tinha a intenção de oferecer esta relíquia ao “Conde d’eu” “Marechal da Vitória” mas infelizmente não encontrou-o com vida.

A Bandeira do “Marques de Olinda” repousa numa caixa envidraçada à prova de umidade, em lugar de destaque entre todos os nossos troféus. De 1923 em diante, todos os anos, no dia 5 de Janeiro, aniversário da ocupação de Assunção pelo Exército Imperial, um velhinho esbelto e limpo, entrava no Museu, deixava seu chapéu na portaria, atravessava em diagonal o pátio emoldurado de canhões históricos, subia a escadaria que leva ao 1º Andar, transpunha o patamar aonde se ergue o busto de mármore de D. Pedro II envolto no Poncho de Uruguaiana, entrava na sala Osório, chegava à Sala Duque de Caxias, parava diante da velha bandeira encaixilhada, perfilava-se e lhe fazia continência. Todos os anos, sem faltar um só. Os guardas já o conheciam e sabiam de seu costume em prestar aquela silenciosa homenagem à velha bandeira imperial.

“Esse foi o episódio mais comovente que presenciei na longa permanência à testa deste Museu, disse o Diretor.

Confesso que, na defesa do seu patrimônio muitas vezes não tenho desanimado ao lembrar-me da lição de fidelidade patriótica daquele velho soldado, pobre, humilde, ignorado, contemplando-se em cultivar a pátria imortal no respeito ao símbolo daquele velho pedaço de pano verde e amarelo, sem esperar galardões ou elogios. Um dos antigos guardas do Museu procurou-me certa vez para me dizer emocionado: Sr Diretor, esse ano, no dia 5 o velhinho não veio fazer continência à bandeira... Senti uma lágrima queimar-me as pálpebras, pois estava certo que somente a morte impediria o Tenente de homenagear a bandeira do “Marques de Olinda”. Ele morrera como vivera, singelamente, obscuramente, o herói, que a par do Flambeau do “L’Aiglon”, poderia afirmar que o seu ato de reverência era “Du luxe”, um luxo do espírito, luxo duma alma nobre, luxo dum coração cheio de verdadeiro patriotismo, de verdadeira brasilidade. Na minha opinião, o Tenente Fidêncio Lemos do Prado foi um Grande Brasileiro”. Essa narrativa comoveu-me profundamente, como há de comover a todos os brasileiros que a lerem. Tivemos ímpetos de beijar a mão do modesto mas glorioso veterano que soubera guardar tantos anos com devoção aquele abençoado pedaço de pano.

Outros relatos

Conforme o Diretor do Museu Histórico Dr. Gustavo Barroso:

“Quando o Exército Brasileiro entrou na cidade de Assunção, capital do Paraguai, no dia 5 de Janeiro de 1869, e comandado pelo General Osório, não encontramos ninguém. A cidade estava deserta. Depois que aquartelamos, convidei o mestre de música Clarimundo José da Silva e o corneteiro-mor Antonio Roberto para dirigirmo-nos ao palácio do Ditador Lopez. Ali chegados, penetramos no interior, não com a ideia de sangue, mas para apreciarmos a beleza do edifício que pela sua beleza nos atraía a atenção. Encontramos em um compartimento, um grande arquivo velho contendo muitos papéis de musica. O mestre de musica e o corneteiro-mor entreteram-se em escolher papéis de música, enquanto eu segui para o ultimo andar, acabando por entrar em um gabinete que era o escritório do ditador. Ali encontrei uma bandeira imperial brasileira, estendida no assoalho, em frente a cadeira do referido ditador, servindo de tapete. Levantei-a e levei-a comigo. Seriam talvez, quatro horas da tarde”.

Vamos agora à biografia e à bela fé-de-ofício do Tenente Fidêncio Lemos do Prado:

Fidêncio Lemes do Prado nasceu a 21 de Setembro de 1844. Na cidade de Curitiba, então à época ainda Vila. Capital do Estado do Paraná, sendo filho legítimo de João Lemes do Prado e Dona Rosa Bandeira, e tendo como avós, paterno Francisco Lemos do Prado, natural do Estado de São Paulo e, materno João Nepomuceno Pinto Brandão, natural de Portugal. Apresentou-se como Voluntário para seguir para a Guerra do Paraguai com 21 anos 4 meses e 4 dias no dia 25 de Janeiro de 1865, ao então Presidente do Estado, Manuel Alves de Araujo, ficando aquartelado juntamente com os voluntários que tinham também se apresentado, fazendo parte desse contingente os irmãos 1º Tenente Cristiano Pletz (Maçom iniciado em 22 de Setembro de 1868 na Loja Philantropia Guarapuavana) e 2º Tenente Francisco Pletz (Maçom iniciado em 22 de Setembro de 1868 na Loja Philantropia Guarapuavana), 2º Tenente João Pichetti, Mestre de Música da Polícia, Clarimundo José da Silva e Antonio Roberto, Corneteiro (convidados estes últimos por ele Fidêncio Prado). Assumindo o comando o Sr. 1º Tenente Antonio João de Lira Flores oficial honorário do Exército, permanecendo o contingente aquartelado e fazendo exercícios, na escola de Tiro, até o dia 1º de Março. Marcharam todos a 2 do mesmo mês para Antonina, onde embarcaram para o Rio de Janeiro. Ali chegando, aquartelaram-se no Campo de Santana. Criando-se nessa ocasião o 4º Batalhão de Voluntários, aquele contingente ficou sendo a 1ª Companhia do mesmo corpo. Fidêncio Lemes do Prado – Fez parte da Loja Estrela de Imbituva, inclusive existe uma condecoração da Loja, para maçons que prestarem relevantes serviços prestados à sociedade.

Fé de Ofício (transcrição):

José Maria Ferreira de Assunção, oficial da Imperial Ordem da Rosa, Cavaleiro da mesma, condecorado com as medalhas de prata das Campanhas do Uruguai e Buenos Aires, em mil oitocentos e cinquenta e dois, do Uruguai em mil oitocentos e sessenta e cinco do combate em Jataí, da rendição de Uruguiana e com a de Mérito-Militar, Major da Arma de Infantaria e comandante interino do vinte e sete corpo de Voluntários da Pátria (27º CVP).

Atesto que o oficial abaixo declarado tem no arquivo deste corpo os assentamentos seguintes: Quarta Campanha. Alferes Fidêncio Lemos do Prado foi incluído neste corpo a oito de março de mil oitocentos e sessenta e cinco, vindo da Provincia do Paraná como "Furriel", embarcou a nove de abril e desembarcou em Montevideo dia dezenove, embarcou novamente e em sete de Maio e desembarcou em São Francisco do Uruguai dia 11, embarcou a primeiro de Junho e desembarcou em Damião dia dois e baixou hospital dia quinze, teve alta dia vinte e quatro de Setembro e ficou adido ao Sexto Batalhão de Infantaria. Apresentou-se a esse corpo dia vinte e quatro de Outubro. Pediu e obteve baixa de posto a três de Novembro, tudo de mil oitocentos e sessenta e cinco. Transpôs o Rio Paraná e dezesseis de Abril de mil oitocentos e sessenta e seis e assistiu os combates desse dia e dezessete do mesmo mês e aos de dois e vinte de Maio. Tomou parte da Batalha de Vinte e quatro de Maio, na qual foi ferido. Assistiu aos combates de dezesseis e dezoito de Julho do referido ano de mil oitocentos e sessenta e sete, e teve alta a três de Maio. Fez marcha de Tuiuti para Tuiucú a vinte de Julho do mesmo ano e assistiu aos combates desse dia. Baixou ao hospital a treze de Janeiro de mil oitocentos e sessenta e oito e teve alta a dezessete. Tomou parte do assalto da trincheira de Sauce em vinte e um de Março. Foi promovido a Anspeçada a nove de Junho. Marchou de Curupaiti para Humaitá a vinte e cinco de Junho, e marchou novamente a dezoito de Agosto e acampou em vinte e quatro de Setembro em Palmas. Transpôs o Rio Paraguai, para a margem direita, em vinte e cinco de Novembro; passou novamente à margem esquerda na noite de vinte e um de Dezembro. Tomou parte nos combates de vinte e dois e vinte e cinco e assistiu ao de vinte e sete. Todos em Lomas

Valentinas, e presenciou a rendição da Guarnição de Angostura no dia trinta do mesmo mês, marchou dia trinta e um do mês de Dezembro de mil oitocentos e sessenta e oito, acampou em Assunção a cinco de Janeiro de mil oitocentos e sessenta e nove. Marchou e acampou em Luque a dez de Março. Marchou novamente e acampou novamente em Lambare em seis de Abril. Assistiu aos reconhecimento de vinte e seis no acampamento Ascurra e em três de Junho no Serro Leon. Promovido a Cabo a primeiro de Julho e a Furriel dia dezenove do mesmo mês. Expedicionou com a primeira divisão de cavalaria em vinte e oito de Julho e reuniu-se ao Exército em sete de Agosto. Continuou a marchar, acampou nas proximidades da Vila de Peribebui dia dez. Tomou parte do assalto a essa Vila dia doze, marchou dia treze e assistiu a batalha de Nheenguaçu dia dezesseis, dia 30 acampou na margem esquerda do Rio Manduvirá, aonde embarcou novamente a nove de Setembro e desembarcou em Checutaguá. Embarcou novamente dia vinte e desembarcou dia vinte e um na Vila do Rosário. Foi promovido a segundo sargento para a Sétima Companhia em primeiro de Outubro. Marchou dia oito e acampou no Capivari dia dezessete, regressou dia onze de Novembro e acampou na citada Vila do Rosário dia quatorze. Dia vinte e cinco de Fevereiro de mil oitocentos e setenta embarcou com destino a Humaita, chegando lá e desembarcando dia vinte e sete. Foi elogiado em ordem de Comando das forças ao Norte do Rio Manduvirá em vinte e quatro do citado mês por haver com valor, abnegação e constância desafrontado a Honra Nacional, suportado fadigas de cinco anos da Campanha do Paraguai. Em virtude da lembrança do Comando em chefe em Seis de Abril foi comissionado no posto de Alferes e ficou pertencendo à quarta Companhia. Embarcou em Humaita, no Vapor “Villeta” dia dezesseis e desembarcou na Côrte do Império dia 30 do referido mês de Abril. Por decreto de sete de Maio foram-lhe concedidas as honras do Posto de Alferes⁵ do Exército em atenção aos relevantes serviços prestados na Campanha do Paraguai. Foi dispensado do serviço do Exército dia dezessete de Maio de mil oitocentos e setenta, por ter sido nessa data dissolvido o dito “Vinte e Sete Corpo de Voluntários da Pátria” em cumprimento à ordem do Governo Imperial, transcritas a ordem regimental número duzentos e quatorze da mesma data. Nada mais consta que lhe seja relativo. Em firmeza do que mandei passar a presente que assino. Quartel General de São Cristovão. Dezoito de Maio de mil Oitocentos e Setenta. Eu Joaquim Martins de Sousa Martins. Tenente Secretário a subscrevi. (Assinado) José Maria Ferreira de Assunção, Major Comandante Interino

Da Gazetilha do “Jornal do Comércio” de 13 de setembro de 1922 (transcrição):

A preciosa bandeira repousa recolhida no Museu Histórico, aonde fica cuidadosamente guardada. Durante alguns anos o Bravo Tenente Fidêncio Lemos do Prado veio ao museu nas datas aniversárias da entrada triunfal do Exército Brasileiro em Assunção, viajando com dificuldade de sua longínqua IMBITUVA. Entrava dirigia-se a Sala Duque de Caxias, aonde se acha exposta a sagrada relíquia, perfilava-se, batia continência, e permanecia alguns instantes diante dela em comovido silêncio. Então retirava-se discretamente. Depois nunca mais apareceu. Foi dormir o sono tranquilo dos Justos que souberam amar e defender a sua pátria. A 1ª Cia., de paranaenses foi formada no mês de fevereiro de 1865, constituída de 75 praças e 03 oficiais.

Voluntários oriundos da Companhia da Força Policial do Paraná:

Nela foram incorporados 13 policiais militares que já haviam se oferecido voluntariamente no dia 26 de janeiro, entre esses 13 primeiros, destacamos: Músico Clarimundo José da Silva; Corneiro Antonio Roberto; e Soldado Fidêncio Lemos do Prado. Esses foram os primeiros voluntários

⁵ Tudo indica que Fidêncio era Alferes e não Major, ou até mesmo Tenente, a menos que tenha sido promovido posteriormente.

procedentes de Curitiba, porquanto os outros que vieram fazer parte da Cia., só se alistaram a partir dos meses de fevereiro e março de 1865.

Destaques de Policiais Militares na Guerra do Paraguai:

Fidêncio Lemos do Prado - a 25 de janeiro de 1865, apresentou-se como voluntário com destino ao Paraguai, sendo a 08 de março, incorporado na 4ª Cia, do 27º Corpo de Voluntários da Pátria. Participou dos combates de 22 e 24 de maio, onde foi ferido. Participou em Tuiuti, Tuiaqué, Salce, Curupaiti, Humaitá, e Lomas Valentinas, na redenção de Augustura e Assunção. Foi elogiado em Ordem do Dia, do comandante das 29 forças de Manduvira, por haver com valor, abnegação e constância, suportado as fadigas de cinco anos de campanha. No Paraguai: no dia 07 de maio de 1880, foi-lhe concedido às honras do posto de alferes do Exército em atenção aos relevantes serviços de guerra. O bravo e patriótico curitibano, residia, no ano de 1922, em Imbituva/PR, onde gozava de estima e respeito geral e, apesar de sua avançada idade, ainda forte, conservava a vivacidade e ardor patriótico de sua mocidade. Fidêncio Lemos do Prado, que serviu a Polícia Militar, por dois meses e sete dias, faleceu com as honras do posto de major⁶ do Exército brasileiro.

Um “Amor” em Imbituva (transcrição):

Joaquim Gaspar Teixeira foi um dos fundadores de Imbituva, conheceu a região devido a seu trabalho como tropeiro, estabeleceu-se aqui com esposa e filhas, entre as quais Mariana Gaspar, e a partir daqui começamos nossa história. Já era noite quando o Major Fidêncio Lemos do Prado passava pela região denominada Campos do Cupim, onde hoje se localiza Imbituva, ao longe avistou o que parecia ser uma grande festa. Joaquim Gaspar Teixeira, comemorava o noivado de sua filha mais velha, América, e vendo os tropeiros aproximarem convidou-os a ficarem ali. O que Joaquim Gaspar não sabia era que Fidêncio Lemos do Prado era na verdade um herói de guerra, responsável por resgatar em 05 de Janeiro de 1869, a bandeira Imperial do Brasil utilizada como tapete por Solano Lopez, Ditador Paraguaio. Fidêncio lutou bravamente na Guerra do Paraguai e de acordo com Maria Silvana Prado, bisneta do Major, o mesmo era amigo e confidente de Dom Pedro II. Joaquim e Fidêncio tornaram-se grandes amigos, e não raras vezes se encontram em Curitiba, região de venda de gado. Em certa feita antes de sair para mais uma viagem Joaquim Gaspar pergunta as filhas o que desejam que ele traga de presente. América, a mais velha, pede ao pai um colar de ouro, enquanto a mais nova, Mariana faz um pedido inusitado, dizendo ao pai que deseja um jovem para ser seu futuro marido. Mais uma vez Joaquim encontra Fidêncio em Curitiba, e depois de dias negociando não consegue vender seu gado, então pede a Fidêncio que o venda para ele e depois retorne a sua fazenda nos Campos do Cupim. Tempos depois o Major retorna a Imbituva trazendo consigo o dinheiro da venda e também o colar de ouro de América. Fidêncio passa alguns dias na fazenda do amigo e conquista não apenas a admiração do tropeiro, mas também o coração de uma pessoa em especial, Mariana. Dias depois Joaquim chama a filha mais nova para uma conversa e diz a ela que não se esqueceu de seu pedido, um jovem rapaz para se casar. Então informa a Mariana que Fidêncio é o homem que será seu futuro marido. O amor de Fidêncio e Mariana já existia na troca de olhares e, com a benção do pai, só se torna mais forte. Contudo Fidêncio se ausenta da fazenda para resolver problemas pessoais deixando Mariana. O casal só se reencontra tempos mais tarde quando Fidêncio retorna para o casamento de América. Percebendo que ambos tinham o desejo de ficar juntos Joaquim Gaspar Teixeira autoriza o casamento de Mariana e Fidêncio que se unem no mesmo dia em que América, a irmã mais velha casa-se com Jorge Zattar. A bisneta do Major Fidêncio Lemos

⁶ Informação não confirmada.

do Prado, Silvana Prado, conta que o bisavô renunciou a vida de oficial e a tarefa de fazer guarda pessoal de Dom Pedro II, em nome da amada. O casal construiu sua vida em Imbituva, onde participaram ativamente da comunidade.

Jornal o Dia 24 de maio de 1942 - Homenagens em Curitiba (transcrição):

“Mais duas praças serão entregues, este mês, pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Na quinta feira, o prefeito Jaime Lerner inaugura a Praça “Fidêncio Lemos do Prado”, em homenagem ao major curitibano que foi reconhecido como herói da Guerra do Paraguai. A Praça está localizada na Av Victor Ferreira do Amaral, esquina com a Monte Castelo, no Alto da XV, em frente ao laboratório Prado, que devera fazer a manutenção do local através de convênio de cooperação a ser assinado com a Prefeitura. Lamentavelmente a placa comemorativa foi roubada para virar “pedra”.

A Bandeira do “Marques de Olinda” - PRISÃO DO VAPOR MARQUES DE OLINDA – 12 DE NOVEMBRO 1864 - Diario do Rio de Janeiro 27 de janeiro de 1866 (transcrição):

Ao tratarmos do primeiro Ato de Hostilidade oficial entre Paraguai e Brasil é tratado o episódio do Aprisionamento do Navio Brasileiro Marques de Olinda, tripulação e o coronel Frederico de Campos que assumiria a Presidência da Província de Mato Grosso. As fontes bibliográficas são escassas e apresentam alguns pontos de divergências quanto as informações e a data do ato. Isto tanto para as mídias escritas, quanto para os documentários em vídeos. Para fins Didáticos adoto a data de 12 de Novembro de 1864. Para o leitor, estudioso, pesquisador, historiador fica em aberto a análise destes fatos. Como os fatos são tratados fragmentados ou dentro de um contexto geral optei em disponibilizar os diversos fragmentos onde o leitor pode complementar assistindo os vídeos documentários.

Registro Histórico paraguaio - Marques de Olinda:

“El buque de vapor brasileiro Marquês de Olinda llevaba su nombre en homenaje a Pedro de Araújo Lima, Ministro, Regente y Presidente del Consejo Imperial. No era un buque de la Armada Brasileira, sino un mercante destinado a la carrera del río Paraná y Paraguay. Se trataba de un vapor de casco de madera impulsado por ruedas laterales. De escaso calado, lo que lo hacía apto para la navegación fluvial, tenía un desplazamiento de 180 toneladas y poseía un motor de 80 HP. Con las compañías Bernal y Cárrega primero, y G. Matti & Cía después, entre 1860 y 1862 hizo la carrera entre la ciudad de Buenos Aires y Corumbá al mando de José Berisso, con escalas en San Nicolás de los Arroyos, Rosario, Paraná, Corrientes y Asunción del Paraguay. Ya en el río de la Plata, alcanzaba también Montevideo para el traslado exclusivo de pasajeros. En 1863 al mando de Hipólito Betancour extendió su servicio hasta la ciudad de Cuiabá, distante unos 660 Km de Corumbá, un trayecto total de alrededor de 3.000 Km. Fue capturado por el gobierno paraguayo el 12 de noviembre de 1864 cuando subía el Río Paraguay llevando a bordo al coronel Frederico Carneiro de Campos, presidente de la Provincia de Mato Grosso. Este hecho fue considerado el hecho desencadenante de la Guerra del Paraguay: la captura del navío, seguido del ataque al Fuerte de Coimbra y la invasión del territorio de Mato Grosso en enero de 1865 provocó la declaración de guerra del Imperio del Brasil al Paraguay. Los paraguayos armaron el buque en guerra en los arsenales de Asunción del Paraguay montando 8 cañones”.

O episódio de acordo com os registros brasileiros:

“O Vapor Marquês de Olinda, ostentava esse nome em homenagem a Pedro de Araújo Lima, que tinha esse título e era também Ministro, Regente e Presidente do Conselho do Império. O Marquês de Olinda, nunca pertenceu a Marinha do Brasil, mas teve papel de destaque em nossa história por ter sido capturado pelo governo paraguaio em 12 de novembro de 1864, quando subia o Rio Paraguai, levando a bordo o Coronel Frederico Carneiro de Campos, presidente da Província de Mato Grosso. Esse fato foi considerado, após um longo período de crise com esse país vizinho, o marco inicial da Guerra do Paraguai ou da Tríplice Aliança. A captura desse navio, seguido do ataque ao Forte de Coimbra e da invasão armada do território do Mato Grosso em janeiro de 1865, foi a causa imediata da declaração de guerra do Brasil ao Paraguai. Em 1865, foi armado em guerra pelo Paraguai. Em 11 de junho, tomou parte na Batalha Naval do Riachuelo, integrando a força naval paraguaia, sendo abalroado e metido a pique pela Fragata Amazonas. O Marquês de Olinda estava para começar sua viagem regular para Mato Grosso. Souto ficou sabendo que o vapor de guerra brasileiro Amazonas iria acompanhá-lo e que transportaria grande quantidade de armas e uma valiosa carga, além de uma grande soma de dinheiro. O agente uruguaio estava bem informado e sabia que um importante engenheiro militar e o novo Governador da província de Mato Grosso subiriam nesses navios. Souto escreveu para o Presidente López, dando total conhecimento de tudo que tinha sabido e o aconselhou a se apoderar dos navios. Esta correspondência, na qual a captura era aconselhada, foi enviada para López através do próprio Marquês de Olinda. O plano de enviar o Amazonas foi por alguma razão abandonada e o Marquês de Olinda iniciou sozinho a viagem e tudo ocorreu como de costume até que o navio deixou Assunção, no dia 11 de novembro (1864). A Canhoneira Paraguaia Tacuari apreende o navio brasileiro Marquês de Olinda - A Canhoneira Paraguaia Tacuari tinha um deslocamento de 488 toneladas e dois motores de 180 hp que lhe dava uma velocidade de 16 nós. Whitworth: tinha seis canhões das quais duas foram de 60, duas 32 e duas 8-mm. O navio liderou parte das forças paraguaias durante a Batalha de Riachuelo. Sobreviveu mas foi afundada por navios brasileiros no encontro do rio Guaycurú com Paraguai em 1865.



Comentário final

Fidêncio Lemos do Prado, como tantos outros jovens, atendeu ao chamado da Pátria e se apresentou como VP. Combateu durante os cinco anos da guerra e deixou marcada sua atuação nos campos de batalha da Guerra da Tríplice Aliança. Todas as homenagens são poucas. Através dele, todos os demais são homenageados.

Referências:

BENTO, Claudio Moreira; FIGUEIREDO, Osorio Santana. História da 6ª DE – Divisão Voluntários da Pátria. Porto Alegre: Pallotti, 2001.

https://alacs.org.br/?page_id=470

<https://folhadeirati.com.br/conheca-a-historia-do-major-fidencio-lemos-do-prado-heroi-na-guerra-do-paraguai/>

<https://tasabendo.com.br/cultura/heroi-esquecido-a-historia-do-curitibano-que-resgatou-a-bandeira-do-imperio-na-guerra-do-paraguai/>

https://odiarioimperial.blogspot.com/2017/08/voluntarios-da-patria_31.html

<https://studhistoria.com.br/qq-isso/voluntarios-da-patria-ver-zuavos-baianos/>

(*) Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do EB.

#####

Quem foram os plantagenetas?

Luiz Ernani Caminha Giorgis (*)

“A República era, para mim, um relógio de que fosse preciso renovar a mola no fim de pouco tempo; a Monarquia, um relógio por assim dizer perpétuo”.

Joaquim Nabuco - livro Minha Formação

Planteneta era o cognome de Godofredo V – Conde de Anjou, frequentemente usado para designar seus descendentes, que foram reis da Inglaterra de 1154 a 1485.

A palavra “plantageneta” (plant genet) é de origem francesa e se refere a uma planta que se caracteriza por originar uma bonita flor. É conhecida também como “Giesta” (abaixo).



O Duque de Anjou⁷ e da Normandia - Godofredo V (1113-1151), escolheu esta flor como característica da dinastia que criou. Falar de Dinastia de Anjou (Angevins) ou de Dinastia Plantageneta é a mesma coisa.

Algumas fontes dão conta de que Godofredo usava um ramo da planta no alto da cabeça, presa na sua cobertura, que podia ser tanto um capacete de batalha como um simples chapéu, mas não existem imagens sobre isto.

O casamento de Godofredo V com Matilde I da Inglaterra, filha de Henrique I, fez com que os Plantagenetas chegassem à ilha britânica. Eles se casaram em 17 de junho de 1128, tendo ela 25 anos de idade e ele somente 13, uma diferença de 12 anos. Mas, juntos, iniciaram e formaram uma dinastia que durou 331 anos.

Houve nove reis da Dinastia dos Plantagenetas⁸, a saber:

- 1) Henrique II: nasceu em 1133 e governou de 1154 até 1189. Em seu reinado organizaram-se os impostos e foi assassinado Tomás Becket, Arcebispo de Canterbury. Foi ele também que concluiu a conquista do País de Gales e da Irlanda;
- 2) Ricardo I ou Ricardo Coração de Leão: nasceu em 1157 e era filho de Henrique II e Leonor de Aquitânia. Foi educado em francês e participou da terceira Cruzada. Morreu em 1199;
- 3) João I ou João Sem Terra: nasceu em 1166 e faleceu em 1216. Era filho de Henrique II e Leonor de Aquitânia, assim como era irmão de Ricardo Coração de Leão. Impopular entre seus súditos, o Rei João foi obrigado a concordar com a Magna Carta (1215), que limitava os seus poderes. Aparece como vilão nas lendas de Ivanhoé e Robin Hood;
- 4) Henrique III: nasceu em 1207 e era filho de João I e Isabel de Angouleme. Em seu Reinado ocorreu a primeira sessão do Parlamento inglês, em virtude da Magna Carta. Morreu em 1272;
- 5) Eduardo I: nasceu em 1239 e era filho de Henrique III e Leonor de Castela. Em seu Reinado foi controlado o País de Gales (novamente) e a Escócia. E em 1290, ele expulsou os judeus da Inglaterra. Morreu em 1307;
- 6) Eduardo II: nasceu em 1284 e era filho de Eduardo I e Leonor de Provença. Antes de ser Rei da Inglaterra, foi o primeiro Príncipe de Gales, a partir de 1301. Casou-se com Isabel de França e teve quatro filhos. Morreu em 1327;
- 7) Eduardo III: nasceu em 1312 e era filho de Eduardo II e Isabel de França. Subiu ao trono com 14 anos, quando sua mãe depôs seu pai. Quando completou 18 anos, ordenou a morte de seu padrasto e exilou sua mãe. Reconquistou a Escócia, que havia se libertado durante o reinado de seu pai. Sua pretensão ao trono francês deu início à Guerra dos Cem Anos (1337/1453). Morreu

⁷ Anjou é uma região da França. Antiga província francesa que corresponde ao atual departamento de Maine-et-Loire. O Anjou permaneceu praticamente intacto: pouco modificado ao sul e ao oeste, foi amputado do Craonnais e do Pays de Cén (La Flèche) ao norte, e do cantão de Bourgueil a leste. Sua capital é Angers, que deve seu nome ao povo celta da Gália Andécaves. É também o nome de uma importante região vitivinícola francesa.

⁸ <https://margohappy.blogspot.com/2010/10/os-reis-plantagenetas.html>.

em 1377. Seu filho Eduardo, O Príncipe Negro, morreu um ano antes que ele, e Eduardo III foi sucedido por seu neto, Ricardo;

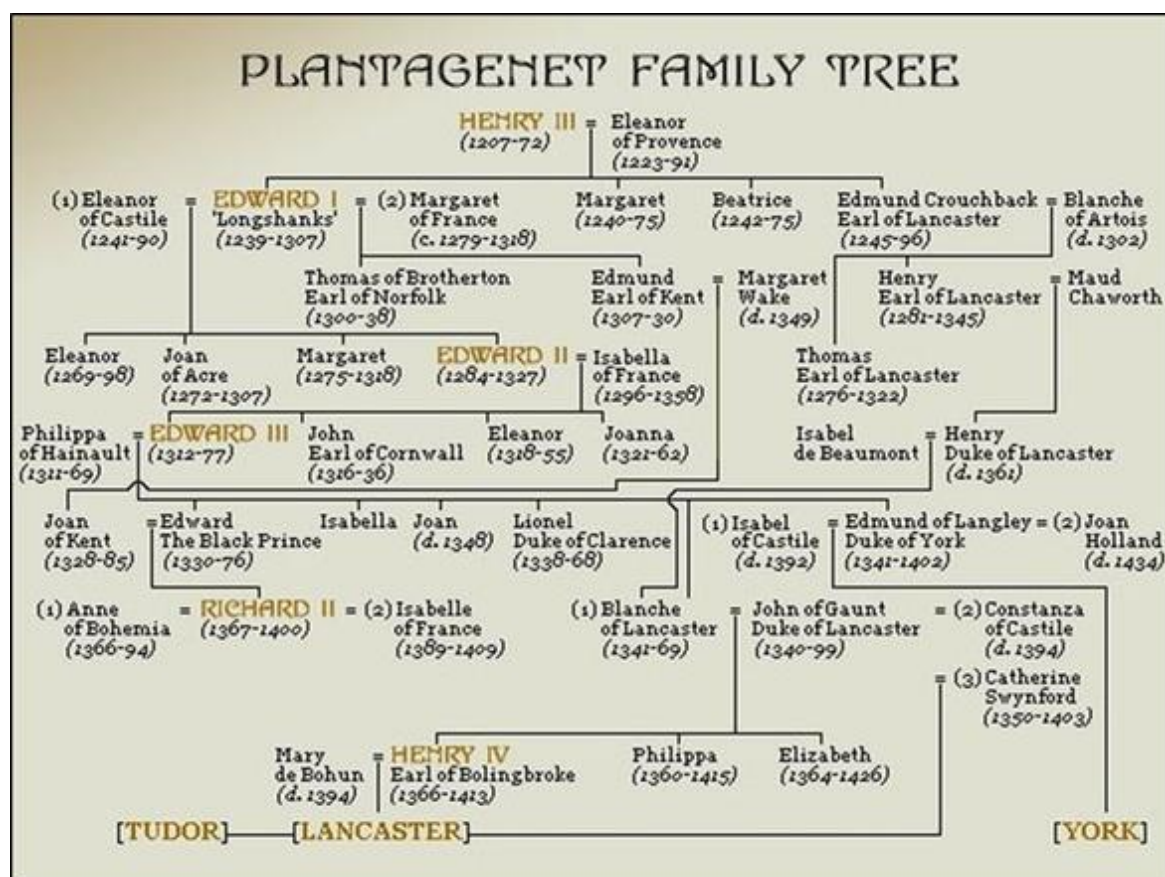


8) Ricardo II: nasceu em 1367 e era filho de Eduardo, O Príncipe Negro com Joana de Kent (era neto de Eduardo III). Ele não teve filhos e foi o penúltimo Rei Plantageneta. Morreu em 1400.

9) Ricardo III, o último dos Plantagenetas, morreu em 1485 e foi sucedido pela dinastia Tudor.

Seguiram-se as dinastias, depois dos Tudor:

- Stuart;
- Nassau-Orange & Stuart;
- Brunswick-Lüneburg/Hannover;
- Saxe-Coburg and Gotha; e
- Windsor, a atual.



(*) Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do EB.

PARTICIPAÇÃO DO EXÉRCITO IMPERIAL NA BATALHA NAVAL DO RIACHUELO

General de Brigada Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva(1)

Em 11 de junho de 1865, durante a Guerra do Paraguai, a Marinha Imperial do Brasil conquistou decisiva vitória estratégica para o êxito da Tríplice Aliança no conflito. Glória à nossa Armada e aos marinheiros e fuzileiros navais, destacando o Almirante Barroso, comandante de nossa Esquadra, cuja liderança pessoal galvanizou os patriotas no violento choque de vontades com os valentes adversários.

Destaque também ao Marinheiro Marcílio Dias e ao Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalgh, imolados na defesa do Pavilhão Nacional, que os paraguaios tentavam arriar do mastro e tomar após três navios guaranis terem abordado o nosso Parnaíba. Houve uma sangrenta luta corpo a corpo, com mais de 30 mortos entre os militares do Exército no convés da nau brasileira.



Almirante Barroso:

“O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”

e, em pleno combate

“Sustentar o fogo que a vitória é nossa”.

(1) Ex Comandante do 5º Batalhão de Infantaria Leve (Lorena, SP), e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Membro-Efetivo da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto Sagres.

No Parnaíba e em outras belonaves da nossa Armada estavam embarcadas unidades do Exército, com o total de 1.174 militares.

Entre elas, estava o 9º Batalhão, uma das unidades que deram origem ao atual 5º Batalhão de Infantaria Leve (Lorena, SP), o qual tenho orgulho de ter comandado de 1998 a 2000.



O monumento ao Almirante Barroso foi inaugurado em 1909, na praia do Flamengo, entre a Av. Beira local onde, em 1923, seria erguido o Hotel Glória. Em 1977, foi transferido para o final da Praça Paris, na altura da Glória.

A estátua é obra do escultor José Otávio Correia Lima, tem 2 metros de altura e fica sobre uma coluna cilíndrica, a 8 metros do solo. O pedestal, que contém os restos mortais do Barão do Amazonas, ostenta as seguintes legendas:

«Riachuelo - 11 de Junho de 1865» e «Ao Almirante Barroso - a Nação».

Duas figuras aladas representam a Pátria e a Vitória. Há, ainda, quatro medalhões, nos ângulos, com efígies dos oficiais Oliveira Pimentel, Pedro Afonso Ferreira, Feliciano Maia, e Lima Barros; unindo os medalhões, os nomes dos navios e comandantes que participaram da Batalha Naval do Riachuelo.

Mais abaixo, medalhões com as figuras do Guarda-Marinha Greenhalg e do Imperial Marinheiro Marcílio Dias (2).

O Capitão Pedro Afonso e o Tenente Feliciano Maia pertenciam ao 9º Batalhão e morreram junto com os dois heroicos marinheiros na defesa da Bandeira do Brasil, tendo o Tenente Feliciano Maia continuado a lutar mesmo após ter uma de suas mãos decepadas a golpes de espada.

(2) Fonte: <https://rio-curioso.blogspot.com/2009/07/almirante-barroso-monumento.html> (Figura e Texto posterior)

A wide-angle photograph of a large, green park. In the foreground, there is a paved path and a large, rounded, green bush. To the left, a black lamppost stands near a red trash bin. A person is walking on the path. In the middle ground, a large, ornate monument with a statue on top is visible. The background features a hill with several buildings, including a prominent white church with a tall steeple. The sky is overcast.

OBRAS RECEBIDAS - POR TROCA OU DOAÇÃO - DO MEMBRO-EFETIVO MARCELO PEIXOTO DA SILVA, RIO DE JANEIRO

ALFREDO DA MOTA MENEZES

A GUERRA É NOSSA

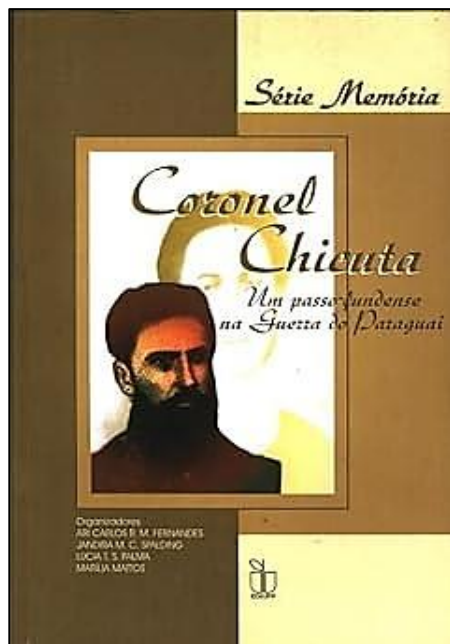
A Inglaterra não provocou
a Guerra do Paraguai



editora: contexto

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Diário do Coronel Manuel Lucas de Oliveira. Porto Alegre: EST, 1997.





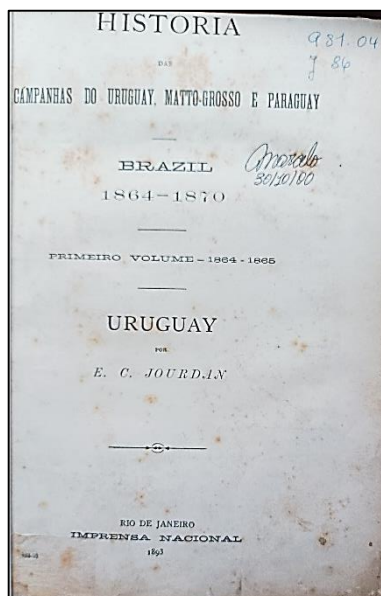
FERNANDES, Ari Carlos R. M (et alli). Série Memória – Coronel Chicuta - Um passofundense na Guerra do Paraguai. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

PERNIDJI, Joseph Eskenazi;
PERNIDJI, Mauricio Eskenazi. Homens e Mulheres na Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2010.



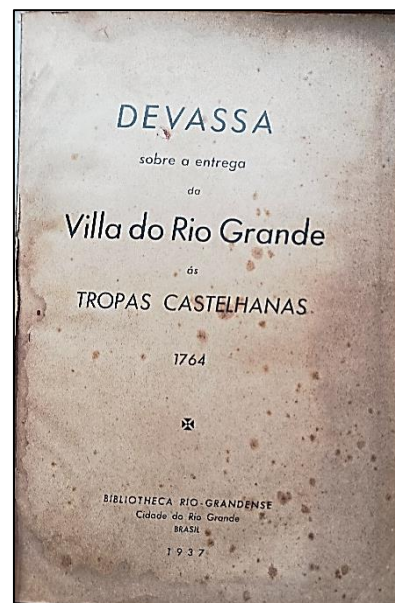
TAUNAY, Visconde de. Diário do Exército – Campanha do Paraguai, 1869-1870. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2002.

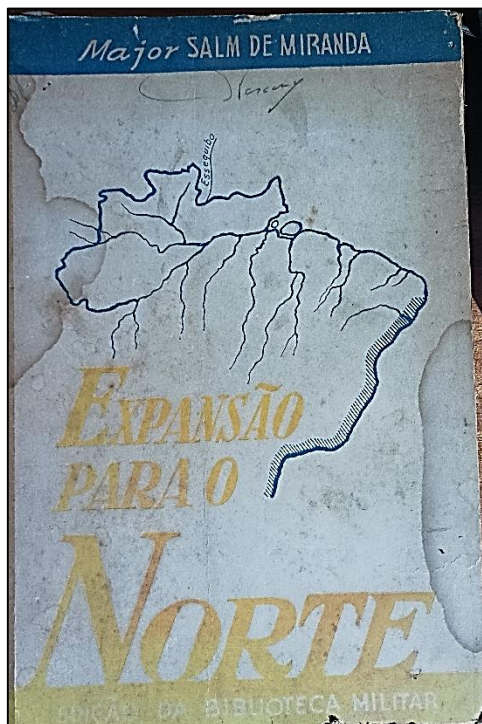
FRAGOSO, Augusto Tasso, General. Os franceses no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2004, 3ª edição.



JOURDAN, E. C. Campanhas do Uruguay, Matto-Grosso e Paraguay – Brazil 1864-1870, 1º volume (1864-1865) – Uruguay. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893.

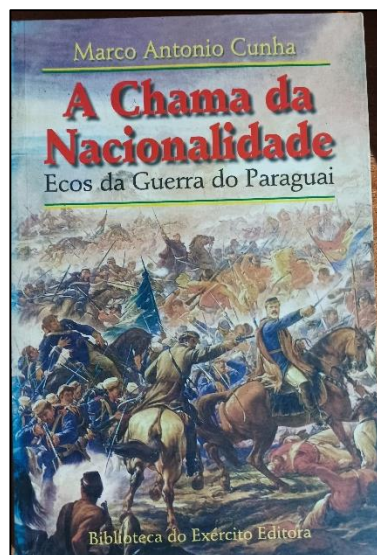
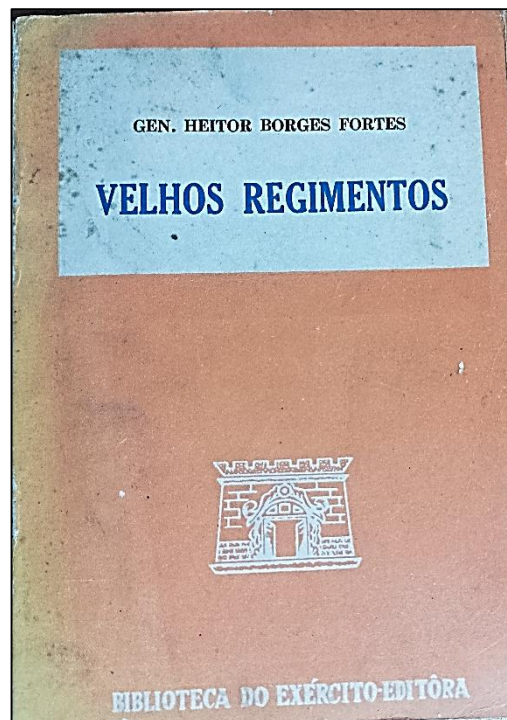
BIBLIOTHECA RIO-GRANDENSE, Cidade do Rio Grande. Devassa sobre a entrega da Villa do Rio Grande às tropas castelhanas, 1764. Rio Grande, 1937.





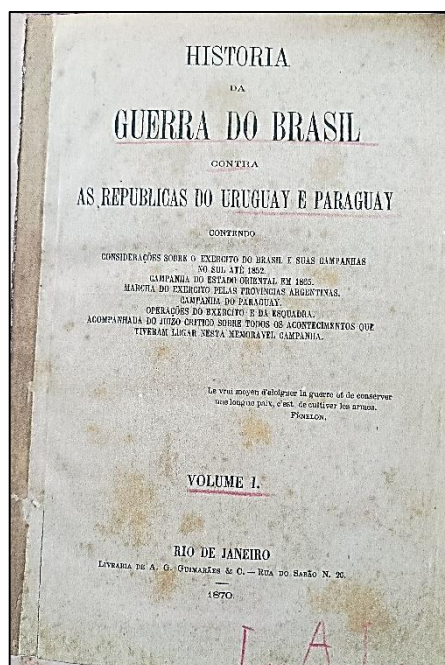
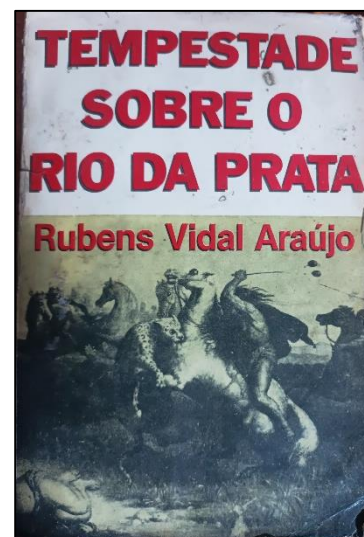
MIRANDA, Salm de, Major. Expansão para o Norte. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1946.

FORTES, Heitor Borges, General. Velhos Regimentos – Ensaio sobre a evolução da Artilharia de Campanha Brasileira de 1831 a 1959. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1964.



CUNHA, Marco Antônio. A Chama da Nacionalidade – Ecos da Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2000.

ARAÚJO, Rubens Vidal. Tempestade sobre o Prata. Porto Alegre: Vozes/Renascença, 1991.



COSTA, Francisco Felix Pereira da, Capitão de Mar e Guerra (1803-1872). História da Guerra do Brasil contra as Repúblicas do Uruguay e Paraguay, quatro volumes. Rio de Janeiro: A. G. Guimarães & Cia., 1871.

OS ÓRFÃOS DO TITANIC

Do quora.com - História de vida

Os "Órfãos do Titanic", irmãos Michel (4 anos) e Edmond (2 anos), foram fotografados em abril de 1912 logo após a sobrevivência milagrosa do desastre do RMS Titanic.

A história deles é desoladora e extraordinária. Os jovens, que falavam apenas francês, foram encontrados sozinhos e desacompanhados após o naufrágio do navio - entre os mais jovens e mais vulneráveis dos sobreviventes.

Sem adultos a reivindicá-los no rescaldo caótico, eles tornaram-se símbolos de tragédia e esperança.

Sua jornada a bordo do Titanic foi o resultado de uma amarga disputa de custódia. O pai deles, Michel Navratil, tirou os meninos da mãe deles na França e embarcou no Titanic sob um nome falso, na esperança de começar uma nova vida na América.



Quando o navio atingiu o iceberg, Navratil conseguiu levar ambos os meninos para o bote salva-vidas nº 15, garantindo a sua sobrevivência antes de perecer nas águas geladas do Atlântico. As crianças foram resgatadas pelo Carpathia e levadas para Nova Iorque, onde foram cuidadas enquanto suas identidades permaneceram um mistério.

Apelidados de "Órfãos do Titanic" pela imprensa, os meninos foram eventualmente reconhecidos pela mãe através de reportagens de jornais e fotografias. Ela viajou para a América para se reunir com eles, trazendo o fim de um dos muitos dramas humanos que emergiram da tragédia do Titanic.

Hoje, a história de Michel e Edmond Navratil serve como um lembrete comovente das histórias pessoais por trás de um dos mais infelizes desastres marítimos da história - um conto de perda, sobrevivência e a força duradoura da família.

#####

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano, Presidente da
AHIMTB/RS

(lecaminha@gmail.com);

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br;

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br;

Site do Núcleo Militar de Gramado/Rainha do Mar: www.nuclev.com;

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE - Delegacia Heróis de
Guararapes:

<http://historiapatriota.blogspot.com>